

Os mistérios de ACM

JORNAL DE BRASÍLIA

CARLOS MONFORTE

O Brasil não aprende, mesmo, ou não quer aprender. O País não sabe resolver seus problemas na base do estudo técnico. Tem de meter a política no meio, de meter o corporativismo, a defesa de interesses que desequilibram qualquer solução técnica. Vejam o caso do Econômico, onde o Governo foi se enfiar. Saiu de uma solução difícil de ser tomada, para uma saída política com todas as suas cores, risco e contradições. Resultado: deu no que deu — começo de uma trilha de descrédito.

As perguntas são muitas, mas duas delas incomodam mais que as outras. A primeira é saber como o Governo, que batalha pela privatização em geral, vai discursar agora, uma vez que favoreceu a estatização (ou estadualização) de uma empresa, ainda mais um banco? Dizem que o discurso não muda, que a estatização é temporária, que isso e aquilo. Mas vamos pegar o caso de outro banco, o Meridional, comprado pelo Rio Grande do Sul nos tempos de Sarney e até hoje nas mãos do Estado. A idéia também era privatizar.

Dentro dessa mesma pergunta: como fica o PFL, um partido privatista? O presidente do partido nem fica melhor quando diz que tudo ficará como antes, e já ensaia um discurso para responder à pergunta: "Este é um caso intermediário. E prova mais uma vez que estamos certos quando

lutamos pela independência do Banco Central. Com essa independência, o Banco fica livre de pressões". Apenas uma nuvem de fumaça para encobrir o mal já perpetrado.

A segunda pergunta é a seguinte: como o Governo vai suportar as pressões daqui pra frente? Sim, porque elas virão e na base do berro, pois parece que é assim que se faz para mudar as intenções do Governo. A partir daí, fica comprometida não apenas a credibilidade do Governo como até mesmo põe em risco o próprio Plano Real, que precisa de privatizações — e este vinha sendo até aqui o discurso que o mantinha. A mudança de orientação econômica do Governo dá apenas uma impressão: fraqueza, que leva ao descrédito e ao fracasso.

A política venceu mais uma vez, em detrimento do bolso do contribuinte. Venceram também Antonio Carlos Magalhães, que garantiu seu manto de divindade na Bahia: e o governador Mário Covas, que agora pode falar o que quiser aos interventores do Banespa e ao Banco Central. Ele sempre foi contra a privatização e agora tem mil argumentos para batalhar por outra solução. Coerentemente, ele quer para São Paulo e para o Rio a mesma solução dada para a Bahia. Ou coisa parecida.

Claro que, à primeira vista, será uma festa para os clientes do Banco

Econômico. Têm, agora, esperança de recuperar um dinheiro que estava praticamente perdido. Mas que eles não se iludam: sairá de seus próprios bolsos o remédio que vai curar o banco do mal da incompetência. E que não se culpe depois o Banco Central, porque não foi nem Malan nem Loyola que levaram o Econômico — um banco de 160 anos, o oitavo privado do País — para a cucuia. Eles até que tentaram salvá-lo, correndo o risco de serem presos.

O que apenas é preciso conhecer são os mistérios de ACM. O que tem ele de tão poderoso que embasbaca governantes e atordoa adversários? Como consegue reverter uma solução técnica numa solução meramente política, que vai penalizar um estado pobre, um povo pobre, comprometer a imagem do Governo Federal, pôr em risco a credibilidade de um plano econômico, desestabilizar a diretoria do Banco Central, jogar seu patido dentro de uma saia justa ideológica, só para se manter fiel à sua imagem de pai da Bahia? Isso é sabedoria política, dizem uns. Isso é malvadeza política, dizem outros. O que fica claro é que falta ao Brasil líderes políticos que berrem no mesmo tom que ele, longe de qualquer rabo preso. Mas ainda vamos aprender.

■ Carlos Monforte é jornalista